

ÁGUAS DIVIDIDAS, BIODIVERSIDADE UNIDA

texto e fotos | ANDRÉ DIB

O isolamento e o difícil acesso ajudam a preservar a rica biodiversidade amazônica em parte do Parque Nacional da Serra do Divisor, na fronteira com o Peru, uma unidade de conservação que aposta no ecoturismo contra desmatadores e biopiratas



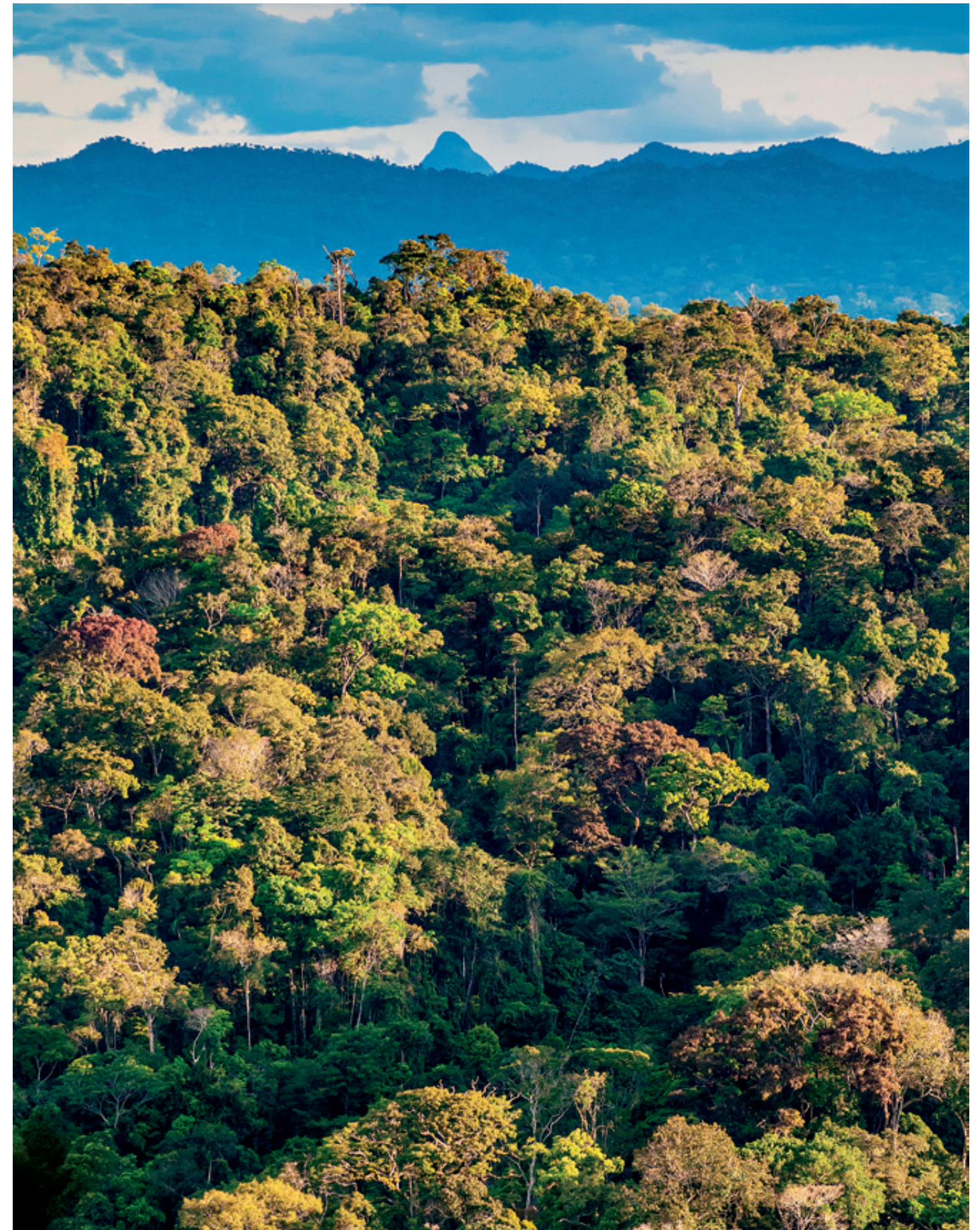
Garça-real (*Ptilherodius pileatus*)

A cadeia de serras divide as águas que, de um lado, descem para o rio Ucayali, no Peru, e, do outro, correm para o Juruá, o principal rio do Acre. O quarto maior parque nacional do Brasil tudo soma na Serra do Divisor, um dos lugares mais preservados da Amazônia. No extremo oeste do País, na fronteira peruana, a geomorfologia da Unidade de Conservação ajuda a explicar a riqueza da diversidade. Em uma área de transição entre a planície amazônica e a Cordilheira dos Andes, a Serra do Divisor se vale do isolamento, da distância e da falta de acesso para conservar espécies raras e endêmicas.

O Parque Nacional da Serra do

Divisor, criado em 1989 para proteger a rica biodiversidade, não conta com um levantamento completo da fauna e da flora. Os primeiros números da Fundação SOS Amazônia indicam 1.233 espécies de animais. São 500 espécies de aves catalogadas, 400 de insetos, 30 de répteis, 100 de anfíbios e 100 de mamíferos, entre elas várias espécies de primatas como o uacari-vermelho (*Cacajao calvus rubicundus*), ameaçada de extinção.

O único acesso é pelo rio Moa, que corta o Parque e deságua no Juruá. Aventurar-se pela Serra do Divisor requer esforço. O ponto de partida é Mâncio Lima, a 35 km de Cruzeiro do Sul, principal cidade do Vale do Juruá. Pelo igarapé Japiim se alcança o Moa, e aí começa uma jornada





Bugjo-vermelho (*Alouatta seniculus*)



com duração ditada pela natureza. No período das cheias, é possível chegar às áreas acessíveis do Parque em 5 horas, a bordo de voadeiras. Na época em que o rio está baixo, a única condução é a rabeta, barco de alumínio com motor à flor d'água e um barulho contínuo que se torna infernal depois de 12 horas de viagem.

Por horas, o cenário parece não se modificar e o verde insistente da mata ciliar compõe uma paisagem linear. A calma é quebrada quando, de uma hora para outra, o sol se esconde atrás de nuvens negras. O dia vira noite e a tempestade desaba como em nenhum outro lugar no mundo. “É o banheiro”, diz o barqueiro, desviando dos troncos que descem o rio com a enxurrada.

O encontro dos rios Moa e Azul marca

os limites no Parque Nacional da Serra do Divisor. Na Unidade de Conservação, moram 500 famílias ribeirinhas, que enfileiram as casas de madeira sobre palafitas. A cobertura é com folhas de paxiúba, uma palmeira típica da região. Os ribeirinhos que vivem no Parque esperam ser indenizados pela desapropriação das terras e benfeitorias, como previsto no decreto de criação da área. Mas o processo de regularização fundiária ainda nem começou.

O Parque é também dos índios Nukinis, que durante o ciclo da borracha, entre 1879 e 1912, foram perdendo a cultura e o espaço por causa do intenso envolvimento com o homem branco. A população e as terras, que iam até o Peru, encolheram. A demarcação do território dos Nukinis começou na década de 1970 e foi

homologada em 1991. Hoje as terras dos índios se sobrepõem às do Parque. Embora tenham garantido alguns direitos, a vida é dura para os nativos. “Quase tudo é longe e difícil”, diz Evilázio Nukini, um dos líderes da comunidade. Existem escola e posto de saúde, mas quando precisam de um hospital, são horas a fio no rio, às vezes até mesmo mais de um dia para chegar a Mâncio Lima, a cidade mais próxima.

Índios ou ribeirinhos, todos os moradores do Parque acolhem os forasteiros com cordialidade. Gente nova é sempre bem-vinda numa das regiões com menor índice populacional do Brasil. A estatística aponta 0,2 habitante por km², ou 5 km² para cada habitante. Os ribeirinhos se concentram às margens do Moa, entre a foz do rio Azul e a Serra do Moa. A última casa é de Argemiro

Na Unidade de Conservação vivem 500 famílias que esperam ser indenizadas pela desapropriação na área protegida

Oliveira Magalhães. Provavelmente, Miro é o último brasileiro no ponto mais ocidental do País. Conhece a floresta e as áreas acessíveis do Parque como ninguém. Presta serviços de manutenção das trilhas e acessos por rios e igarapés para o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que administra a Unidade de Conservação.

Miro é pessoa certa para guiar os forasteiros pelas trilhas que levam a alguns pontos interessantes do Parque. Enveredar-se pelos caminhos que cortam a floresta é a única forma de conhecer um pouco desse universo isolado. No princípio, tudo parece igual, monótono,

CASA
A saúde da mata é reconhecida pela presença de espécies como o bugjo-vermelho (acima). Na pág. seguinte, a palafita é moradia dos ribeirinhos no Parque Nacional



CENÁRIO
A beleza da cachoeira do Ar Condicionado (acima). Miro guia pelos caminhos do Parque do Divisor e contribui para a conservação da floresta

mas aos poucos é possível identificar cada nuance da floresta. Por ser uma região montanhosa, de relevo acidentado, o Parque tem incontáveis cachoeiras, algumas de fácil acesso, como a do Ar Condicionado. A mais bela é a Cachoeira Formosa. Para acessá-la, é preciso caminhar cerca de 9 horas, entre ida e volta, num total de 36 quilômetros, sob o calor úmido da floresta.

Ao entardecer, a mata ganha tons ainda mais exclusivos, e uma profusão de sons e cantos toma conta desse misterioso pedaço da Amazônia. Miro conhece os hábitos de cada bicho, o canto de cada ave. É um exímio caçador, mas, como todos os ribeirinhos, por lei só pode caçar, pescar e extrair recursos da natureza para fins de sobrevivência. O ribeirinho se adaptou bem a esta complexa relação entre homem e natureza e hoje dá lição aos

visitantes. “Antigamente a gente caçava além da conta. Mas agora eu sei que isso pode prejudicar a natureza, e o nosso alimento pode faltar.”

Onças-pintadas, macacos de várias espécies, tracajás, antas, preguiças e muitos outros animais circulam pelo Parque. Dá para ver pegadas, rastros, mas para avistar um bicho na mata é preciso muito empenho, paciência e sorte.

AMEAÇA

O isolamento, que ajuda a preservar a biodiversidade, não impede a presença do maior predador de todos na área, o homem. A fiscalização federal é incipiente na fronteira e, há décadas, esta é porta de entrada no Brasil das drogas traficadas dos países vizinhos. A exploração ilegal da madeira é outro atentado à biodiversidade. Em abril, a Operação





Mico-de-cheiro (*Saimiri sciureus*)



ONDE FICA
PN Serra do Divisor



O quarto maior Parque Nacional, com 837.555 hectares, fica na fronteira com o Peru, no Alto Vale do Juruá, o ponto mais ocidental do Brasil, no estado do Acre

Ecoturismo
Maanaim Turismo:
www.maanaimturismo.com,
tel. (68) 9971-3232 / 9214-7131

EME Amazônia:
www.emeamazonia.com.br,
tel. (68) 3222-8838

Swamy Hotel (Cruzeiro do Sul, AC):
www.swamyhotel.com.br,
tel. (68) 3322-6166 / 3322-1624

LEITO
Um mico-de-cheiro em área de rara presença humana. As águas ditam o ritmo da vida de ribeirinhos, que fazem dos rios caminhos no meio da floresta

Fronteira, coordenada pelo ICMBio, deteve no interior do Parque oito peruanos acusados de tráfico internacional de madeira. Com eles foram apreendidos 350 m³ de cedro, madeira nobre que vinha sendo transportada para o território vizinho.

Mas não é só essa riqueza que faz brilhar os olhos. Os saqueadores não poupam uma das maiores concentrações biogenéticas da Terra. A Amazônia, rica em microorganismos, plantas, fungos, insetos e animais, pode fornecer componentes químicos valiosos como matéria-prima de medicamentos para os mais diversos tratamentos. E isso não significa apenas o contrabando de algumas formas de vida da floresta. Os biopiratas se apropriam também de um precioso bem imaterial: o conhecimento dos povos da floresta sobre o uso dos recursos naturais.

A biopirataria é a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo, perdendo apenas para o tráfico de drogas e o de armas. Estatísticas do Ministério do Meio Ambiente, de 2011, apontam um prejuízo aos cofres brasileiros de 2,4 bilhões de dólares. E os brasileiros ainda têm que pagar royalties aos laboratórios estrangeiros que produzem os medicamentos desenvolvidos com substâncias ilegalmente extraídas do Brasil. A dificuldade aumenta com a facilidade com que as riquezas cruzam as fronteiras, já que ainda não existe uma legislação clara sobre esse tipo de pirataria. Além disso, muitos países desenvolvidos, entre eles os Estados Unidos, não ratificaram a Convenção Biogenética, que estipula que cada nação é autônoma em relação a seus recursos genéticos e biológicos.

Assim como Miro, moradores da floresta são grandes aliados para denunciar os crimes contra a natureza. O que falta é uma política pública que reconheça o domínio dessas comunidades sobre seu conhecimento tradicional e garanta a consequente remuneração pelos serviços ambientais prestados. Além disso, é preciso fazer projetos que incentivem o turismo científico e garantam investimentos na área.

O ecoturismo de qualidade, como o avistamento de fauna, também é alternativa ecológica e economicamente viável para os ribeirinhos, que já veem com bons olhos esta atividade sustentável. Um projeto de ecoturismo foi aprovado em 2010, quando o ICMBio e os conselhos do Parque retomaram a gestão participativa das comunidades do entorno com a colaboração da Embrapa,

Biopirataria e tráfico internacional de madeira estão entre as ações criminosas mais praticadas na área do Parque

Universidade Federal do Acre, Inkra e Funai.

Para visitar o Parque Nacional da Serra do Divisor é preciso autorização prévia, providência de que se encarregam as operadoras de ecoturismo da região. A medida se justifica pela exclusividade do destino e por se tratar de uma das áreas mais ricas, belas e preservadas da Amazônia. A torcida é para que o sucesso do ecoturismo iniciante seja um divisor de águas: no lugar de desmatadores, traficantes e biopiratas, pesquisadores, ecoturistas, índios e ribeirinhos somando esforços para conhecer melhor, admirar e preservar a diversidade da vida numa das áreas mais bonitas da Amazônia. 🌿